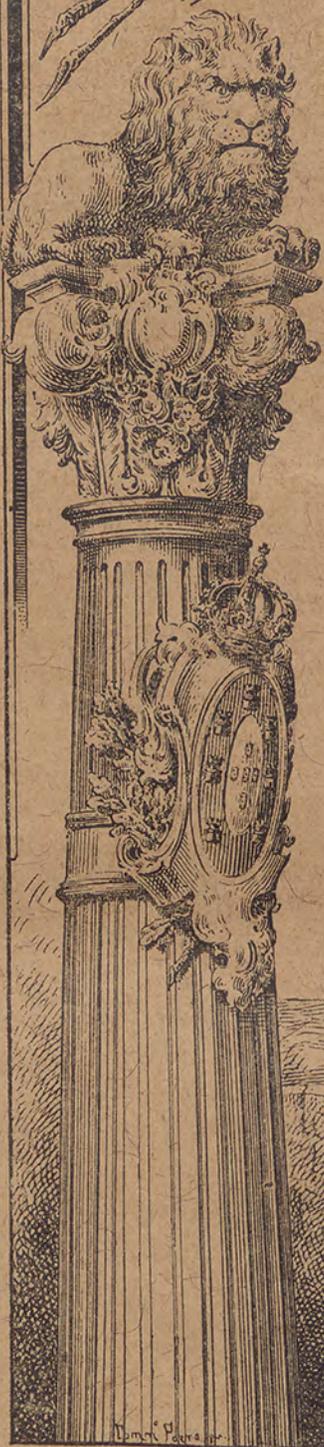


6/



# EXERCITO ILLUSTRADO



D. J. P. 1898



# EXERCITO ILLUSTRADO



N'uma mão livros, n'outra ferro e aço;  
Aquella rege e ensina; est'outra fere:  
Mais co'o saber se vence que com o braço.

CAMÕES.



# EXERCITO

# ILLUSTRADO

REVISTA DE SCIENCIAS E LETTRAS

NUMERO I

BARCELLOS, 25 DE ABRIL DE 1898

ANNO I

## SUMMARIO:

*O Exercito Illustrado*, por D. M.—*Sua Magestade El-Rei*, *Casa Militar d'El-Rei* e *Mousinho de Albuquerque*, por D. M.—*A Morte do batalhador*, por Cardiellos Junior—*O Coronel Galhardo* e *A Torre e Espada*, por D. M.—*A Ballistica*, por Corrêa dos Santos. *Amilicia portugueza*, por M. Severim de Faria.  
Illustrações:—S. M. El-Rei; Mousinho d'Albuquerque; O coronel Galhardo; Acampamento de cavallaria na India.

## O "EXERCITO ILLUSTRADO,"



is lançada á publicidade uma revista militar illustrada de cuja existencia carecia o exercito e armada.

Apparecendo despida de lentejoulas e ouuropeis viverá systematicamente affastada das pugnans e discussões politicas e de disciplina, procurando sempre trilhar o caminho do brio e da dignidade.

Appoiando esta nossa divisa na maxima consideração e estima pela sciencia da guerra, ampliando ou restringindo, onde o horisonte seja limitado e a razão se perca no incomprehensivel, espargindo caudaes de luz, onde a escuridão seja cerrada, tomando por emblema a espada cruzada com a penna e aprendendo nas lições do passado a influencia da crença e da fé viva, julgamos ser um Cyrineo da obra da illustração d'este seculo, já de luzes e descobertas.

Firmando-nos no espirito de concorrer para o nosso desenvolvimento intellectual por fórma a dar largas a um estudo, que allie á maior pureza de ideias a mais proeminente vastidão de gloria, viemos tam só dar publicidade a uma—revista de sciencias e lettras,—que serve de elevada tribuna marcial, onde os paladinos do saber podem prestar homenagem—ao mais nobre.

Sem levantarmos attritos ou criarmos ini-

mizações, porque as nossas columnas, que nunca se hão de prestar a saciar odios ou paixões, ellas, que vão de regimento em regimento, de corporação em corporação, levar alento litterario a um meio em que a alma palpita em frémios de gloria e que o coração é formado d'um mixto de amor e esperança, unicamente estarão abertas para quem quer que, auxiliando-nos, queira dar livre tiragem aos seus conhecimentos militares e dar preito aos que se tem engrandecido no campo da honra ou na vasta materia da sciencia, sem distincção de posto, arma ou nacionalidade.

Aqui, convem evidencial-o, prestaremos culto a todo o soldado, que saiba prestigiar o nome e a farda; aqui resurgirão as nossas glorias, levantamento da alma patria ao capitolio do merito, para lhe servirem de modelo; aqui viverão as façanhas dos martyres da patria e seus dominios; e aqui, esperamos que esse conjuncto forme um volume scintillãnte, secundario da nossa historia de sete seculos e meio.

—E eis a nossa sincera apresentação.

Oxalá que por muitos annos se torne n'um programma sympathico d'um palco onde venham representar as intelligencias a quem está confiada a defeza nacional.

Ser-lhe nós firmes e obedientes, ha de ainda ser por fim de tudo, talvez a nossa unica satisfação pelo avantajado emprehendimento.

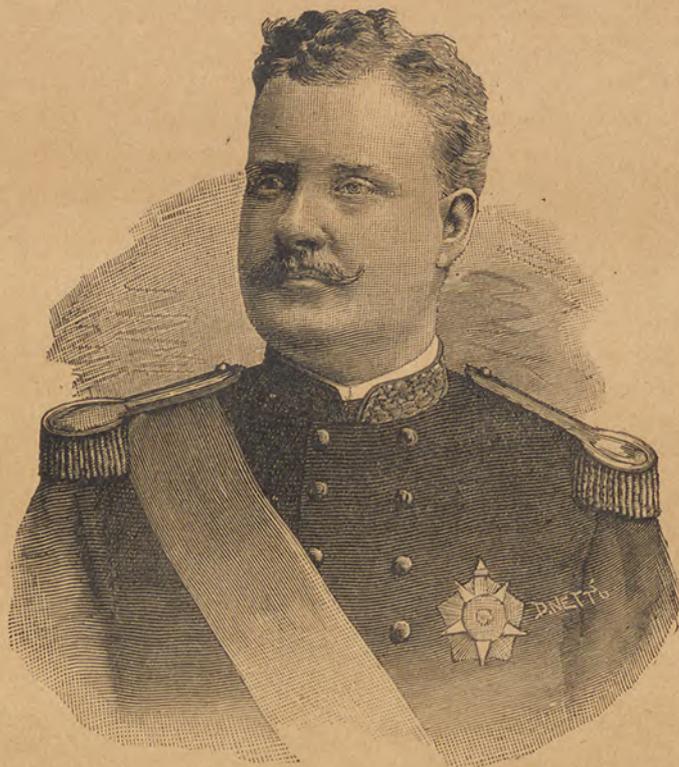
Barcellos, 1 de abril de 1897.

A REDACÇÃO.

## SUA Magestade EL-REI D. CARLOS I

**A**PRESENTANDO a nossa revista ao elemento militar, abrimos a primeira das suas paginas illustradas com o retrato do seu generalissimo, El-Rei D. Carlos, marechal general, grão mestre das ordens de Portugal, da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito, de Nosso Senhor Jesus Christo de S. Bento de Aviz, de S. Thiago e de N. S. da Conceição de Villa Viçosa; condecorado com as medalhas: de oiro de valor militar e bons serviços, de prata de comportamento exemplar e de oiro de Phylantropia e Generosidade, e do Merito Agricola e Industrial.

Cavalleiro do Tosão de Oiro do reino de Hespanha; Grã cruz da Legião de Honra da Republica Franceza; cavalleiro da Jarrateira e medalha de oiro de 1887 de Inglaterra; Gran-cruz da Aguia Negra, da Coroa d'Arruda da Saxonia, de Ernesto de Saxe de Coburgo, do Falcão Branco de Saxe Weimar, dos Vendes de Mecklemburgo Schwerin, cruces militares de Hesse e da Aguia Vermelha com Espadas, Collar de Hohenzollern e Cruz de honra de 1.<sup>a</sup> classe de Hohenzollern, da Confederação Germanica; Cavalleiro da Anunciada do Reino d'Italia; gran-cruz de S. Estevam da Austria; Collar e Gran-cruz de S. André, Gran-cruz de Alexandre Neoski, de Estanislau e da Aguia Branca, cruz militar de S. Anna do



S. M. EL-REI D. CARLOS I

imperio da Russia; Gran Cruz da Aguia Branca do reino da Servia; Gran-cruz militar de Leopoldo do reino da Belgica; Gran-cruz do Leão Neerlandez do reino dos Paizes Baixos; Gran-cruz do Elephante Branco do reino da Dinamarca; Gran-cruz dos Seraphins da Suecia; cruz militar de S. Slavo da Noruega; Gran-cruz do Cruzeiro do Sul do Brazil; e gran-cruz do Elefante Branco do reino de Sião.

E Coronel, primeiro chefe do regimento de infantaria 3.<sup>o</sup> de Brandeburgo, conde de Tautzien de Wittenberg n.<sup>o</sup> 20.

Não o apresentamos com o intuito de lhe fazermos seguir a sua biographia ou historia, porque não pode ainda ser definida, mas em homenagem ao augusto monarcha, como chefe superior do exercito de terra e mar, illustrado e distincto entre os soberanos do mundo inteiro.



## ANAGRAMMA

## Officiaes effectivos da Casa Militar d'Elrei

Almirante, 1.º Ajudante de campo chefe da Vice-almirante, Rodrigo General, Antonio Abranche General, Antonio d'Almeid	CASA MILITAR	asa militar, José Baptista de Andrade. Ferreira Pinha. de Queiroz. Coelho e Campos.
General, Luciano Pego d'Al Capitão de mar e guerra, Hermeneg Coronel d'engenharia, Antonio Augusto Duva Tenente-coronel de cavallaria, Fil Capitão-tenente, D. Fernando de Serpa Lei Major do Estado Maior, Guilherme Ch Major de cavallaria, Antonio F	CASA MILITAR	eida Cibrão. ldo Carlos de Brito Capello Telles. ppe Malaquias de Lemos. ão Pimentel. rters Henrique d'Azevedo. ancisco da Costa.

## Officiaes ás ordens

Capitão-tenente, João Vellez Cal Capitão-tenente, João Jorg	DE S. M. EL REI	eira. Moreira de Sá.
1.º Tenente, Antonio Jervi	DE S. M. EL REI	Ferreira Pinto Basto.
Capitão do Corpo do Estado	DE S. M. EL REI	aior, Antonio José Garcia Guerreiro.
Capitão d'engenharia, Cond Capitão d'eng., Fernando E. de Serpa Pimente	DE S. M. EL REI	de Arnoso.
Capitão d'artilhe Capitão de cavallaria, D. Antonio Ca Capitão d'infanteria, Anton	DE S. M. EL REI	ia, José Lobo de Vasconcellos. tano do Carmo Noronha. o Vaz Corrêa de Lacerda.

Barcellos, 1.º—III—1898.

D. J. G. M.

## MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

**R**ESPEITAR os nossos camaradas, que o mereçam, no limite do nosso diminuto espaço, é o tributo do «Exercito Illustrado».

Occupamo-nos com o successor da guerra d'Africa em 1895, como em algumas linhas adiante nos vamos occupar do seu primeiro heroe. E' elle Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque — o militar de pergaminhos e brazões até á dynastia affonsina, o não degenerado da fidalguia e valor dos seus ascendentes, que poude n'um impeto de coragem levar a Chaimite menos de meio cento de soldados a aprisionar o fabuloso

senhor feudal, rei de Gaza; a espingardear os cumplices rebeldes á maneira de vassallos da epocha merovingia; e a bombardear a sua eventual residencia.

Porque, a apothéose, o elogio aos que se tornam magnos pelas ideias ou pelos factos, não é um favor; longe d'isso. E' um dever inalienavel. Isso até é mais remoto, que os romanos, que os latinos. Quasi sempre ás impreviões calamitosas se deve o encontro dos grandes homens. Das ultimas passagens d'esta campanha, surgiu o capitão de cavallaria, Mousinho d'Albuquerque. A sua sina destinára que elle não gorasse deixando de commandar a sua companhia adjunto

ao respectivo quartel e ser essa inclyta figura dos nossos tempos, erguida ao solio da admiração.

O desempenhar-se com vantagem de cargos exercidos em Moçambique e na India, conhecendo os serviços, que a arma de cavallaria podia prestar no Ultramar e defendendo essa these por alguns jornaes, valeu-lhe ser nomeado commandante dos de cavallaria n.º 1, Lanceiros de Victor Manuel, escalados para contribuir com o tributo de sangue n'aquella provincia.

Era casado, mas pôz de parte os carinhos de sua esposa para prestar ao seu paiz os relevantes serviços, que sonhava, e eis-lo ahí vaebarralóra, como qualquer outro soldado para voltar n'outro dia a receber, desde o desembarque, as benções pessoasas d'um povo por elle resurgido, d'um rei por elle engrandecido.

E o aprisionamento d'aquelle potentado, veio qual Phenix pairar sobre o nosso céo e ser a synthese dos homens do tempo do gigante Adamastor.

Desde asnomades gerações ás civilisadas, os seus heroes são honrados e a nação prepara-se para celebrar o centenario da obra de Vasco da Gama, enthusiasmada e reconhecida perante o almirante, Conde da Vidigueira.

E, se celebrou Luiz de Camões, que foi soldado e cantor épico de taes façanhas; se celebrou o Marquez de Pombal, que foi soldado e estro sublime, que arrancou d'um abatimento e jazida a patria; se celebrou João de Deus; e se celebra tantos varões, bem haja em celebrar esse cabo de guerra, e bem hajam Suas Magestades em celebrar-o, fazerem encetar a carreira publica do her-

deiro presumptivo da corôa. Bem haja El-Rei, porque emquanto dá uma lição tamanha a seu filho, cuja força pertence á patria, como a do nosso photogravado, mostra á sua nação que toma um encargo nobre; que isso os sublima.

Prova-se comprehendêr a dedicação d'esse que glorificam e exalçam, collocando-o no panteon da sua historia.

Se raras vezes a recompensa do talento e rasgo d'energia se encontra nos contemporaneos, Mousinho encontra-a e a sua chegada a Lisboa depois de trez annos de deportação voluntaria, foi como devia esperar, grandiosa e triumphal e por toda a parte cheia de estrondosas ovações.

Porque, elle sempre modêsto e não satisfeito com a empreza do Gungunhana, continuou na vasta parada africana.

Porque, nomeado governador da nossa cubiqada provincia oriental do continente negro, activou por todos os lados uma guerra aos insubmissos indigenas, de maneira que sem ser o heroe de Chaimite, vencedor de Marracuene, Coolela e Magul é mais heroe de Ibrahimo, Macutene, Majenga, etc.

Porque é de alma tão sensivel,

que pediu que se alguma recompensa queriam dar-lhe o não fizessem e antes protegessem a familia do major Caldas Xavier.

Porque pelo seu vigoroso impulso e perspicaz administração, se tem desenvolvido a industria e o commercio, aperfeiçoado a instrução, arreigado os preconceitos, elevado, emfim, a confiança e tranquillidade dos colonos.

Porque no conflicto, que durante o seu governo se deu com o consul da Confederação Germanica em Lourenço Marques, mostrou ser



MUSINHO DE ALBUQUERQUE

patriota, verdadeiro amigo do seu paiz, porquanto no genio d'elle estava oppôr-se á força d'esse que quiz conhecê-lo pessoalmente, d'esse imperador que o tinha agraciado com a Cruz da Aguiá Vermelha. E, talvez, que ao vêr saudar essa bandeira preta, branca e encarnada, lhe crescesse tanto a cólera, como no conbato com os Namarraes ficou fulo, embainhando a espada a conselho do seu bravo estado-maior, por não dever expôr-se tanto aos perigos, que no momento corria.

Porque elle muito sincero, ainda na sua visita ao Porto, ao receber uma espada valiosa do municipio d'essa Invicta Cidade, que por tantas vezes tem tido influencia na politica nacional, declarou que agradecia, mas que ella, essa honrosa espada, só seria desembainhada a favor da Patria e do Throno e que para lh'a tirarem da mão, seria preciso antes tel-o morto!

\* \* \*

Na sua vinda á Europa, foi recebido em Pretoria amigavelmente pelo presidente da Republica do Transwaal Sir Kruger com todas as honras devidas a commissario regio de Portugal na limitrophe Moçambique e considerado hospede official do ministro inglez do Cabo da Boa Esperança na respectiva capital.

—Não tardará que elle Tejo abaixo volte a augmentar a gloria do seu nome e da patria, levando para curar as feridas dos soldados que commandar na guerra, a philantropica e generosa senhora, que tem por companheira, mas antes que o faça, saiba bem que os nossos votos e de todos os portuguezes, é porque seja sempre feliz nos seus lances d'arroyo e nas suas virtudes civicas.

O brioso official de lanceiros é major por distincção; do conselho de Sua Magestade; Ajudante de Campo d'El-Rei; grande official da Torre e Espada; official de S. Bento de Aviz e official por serviços distinctos; condecorado com a commenda da Aguiá Vermelha da Allemanha; com as medalhas de ouro: de Valor Militar, d'Assiduidade no Ultramar, de Bons Serviços e da Campanha dos Namarraes, e de prata: de D. Amelia da expedição de 1894-1895 e de comportamento exemplar.

Na sua recente missão ás côrtes de Paris, Londres e Berlim, foi nomeado por Mr. Felix Faure, official da Legião de Honra de França, pelo governo da rainha Victoria com a commenda de S. Miguel e S. Jorge d'Inglaterra, e recebido na Prussia com as homenagens devidas a um grande militar.

## A MORTE DO BATALHADOR

Da guerra a crua voz corria serra em serra  
E retos, seni-nús, os batalhões dispersos,  
Sondavam lentamente essa traidôra terra  
Onde os levára a sorte, os fulos seus aversos.

A tarde era serena e dôce, muito meiga...  
Havia pelo ceu consagrações de paz  
E o tépido perfil da verdejante veiga  
Soltára no ambiente aromas de lilaz...

Triste contraste frio: a luz ao pé da morte!  
Um ceu todo de paz e a terra revolvida  
Nas ancias do tufão da guerra—extranha sorte,  
Papoulas a florir do sangue d'uma vida!...

Na manhã d'esse dia, ao vir o sol rompendo,  
Tocaram os clarins vibrantes uma carga  
E elle, o batalhador, seu cavallo sustendo  
Cheo de vida foi a pellejar á larga.

Firme sobre o corcel, a fronte luminósa,  
O pennacho ondulante a chamar a victoria,  
Buscando do inimigo a marcha cavillosa,  
Ia o batalhador em busca d'uma gloria.

A espada que luzira ao sol de cem batalhas  
Ao lado dos avós, intrépidos soldados,  
Nua, na sua mão, anciava mil mortalhas  
E sangue, muito sangue... os corações varados!...

E com garbo, o esquadrão de que era commandante  
Seguia-lhe a pégada e ria bem louçan  
Ouvindo os seus clarins, o seu tambor ovante,  
Plan... plan... rataplan... plan... plan... rataplan... plan... plan...

Seguia o esquadrão. Brilhavam as espadas;  
Nitriam os corceis sentindo a dôr da espôra.  
Mais um momento só e estavam de mãos dadas...  
Carregar!... A' arma branca!... Eil-os juntos agora...

E elle, o batalhador audaz, rude, valente,  
O pennacho ondulante a chamar a victoria,  
A' frente do esquadrão derruba tanta gente  
Que parece elle mesmo a flammula da gloria!

E segue... segue sempre... A espada é qual rubim  
A flamejar ao sol sangrento da manhan  
E apenas ouve e sente o tambor e o clarim  
Plan... plan... rataplan... plan... plan... rataplan... plan... plan...

E segue... corre... vae... mas subito uma bala  
Parte da vida o fio ao gran batalhador.  
Solta da mão a espada e cahe entre a metralha  
Feliz por fallecer da guerra no estridor.

E, quando ao depois já sem ter o commandante  
Seu esquadrão vinha a soluçar então  
Cheio de dôr, choroso, inda que triumphante  
Por esse que morrera heroico de manhan  
Ouvindo dos clarins e do tambor ovante  
Plan... plan... rataplan... plan... plan... rataplan... plan... plan...

Fevereiro de 1898.

CARDIELLOS JUNIOR.

## CORONEL GALHARDO

**D**AMOS em photogravura o retrato de Eduardo Augusto Rodrigues Galhar-do, ex-coronel do regimento de infanteria n.º 2 e commandante das forças que de camaradagem com o 2.º batalhão d'este corpo, combateram denodadamente em Moçambique, levando de vencida as mangas de Magul, Maracuene, Coolela e Manjacaze no anno de 1895.

Por julgarmos todos os jornaes e periodicos cançados, aliás, com a narrativa de assumpto valioso, de descreverem amiudadamente durante a campanha, os feitos acrisolados de cada soldado, de cada cabo, de cada sargento, de cada official, sobre as ordens do intrepido official superior, renovando-o a cada passo, fazemos pacto com elles, para reduzirmos a nossa missão a estampal-o á frente da serie dos nossos militares assignalados, quer nas armas, quer nas letras, acompanhando-o só com as indispensaveis palavras de referencia poucas, para não serem

grande repetição no que está na memoria de todos e não cabe no corpo da nossa revista.

— Ao constar na metropole nos principios do outomno de 1894, que uma sublevação de pretos, nas proximidades de Lourenço Marques, tentava hostilisar os habitantes d'esta cidade que, apesar de ser uma estação das mais importantes da Africa Austral, estava mal guarnecida e desprevenida para oppôr-lhe resistencia tenaz e ao mesmo tempo inflingir-lhe uma licção tão sevéra,

como devia sahir de mãos de lusitanos, um grito de vingança se percutiu e repercutiu na sua alma contra o attentado á nossa soberania, e, a reunião de soldados, que fossem da metropole combatel-os, não se fez esperar. Organisaram-se expedições. Uma composta pela ala esquerda do

regimento n.º 2 de caçadores da Rainha e uma bateria da extincta brigada d'artilheria de montanha, que legou a sua moderna mas heroica historia de novo regimento de artilheria n.º 6. Embarcaram poucos dias depois de recebidas aquellás noticias, no dia 15 de outubro no vapor *Cazengo*. Outra cujos troços sahiram da capital a 12 de março a bordo de vapor *Portugal*, e aos 8 d'abril a bordo do *Ambaca*, indo com o primeiro, Galhar-do. Compunha-se de tropas de infanteria 2, engenharia, artilheria de guarnição e de montanha e uma força de marinheiros para ser distribuida pela divisão naval do Indico Sul, serviço de saude e material de guerra. Uma terceira fracção sob o commando do capitão Mou-



CORONEL GALHARDO

sinho, composta de um esquadrão de cavallaria 1 Lanceiros de Victor Manuel, sob o seu mando partiu a 15 no celebre *Peninsular*.

Se soldados valentes e destemidos, embora não experimentados no fogo e no sangue, sabiamos que partiam, era necessario um chefe á altura, um guardião da vida de tanto pae, tanto filho, tanto irmão e tanto esposo, que, em transees difficeis como o de operações, soubesse alliar a uma energia de ferro a imparcialidade, para se-

fazer obedecer igualmente pelas classes suas subordinadas, uma vasta intelligencia e prompta imaginação. Esse homem encontrou-o Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra na guarnição do Porto, no regimento n.º 18 de Infantaria do Principe Real, na pessoa do commandante, coronel Galhardo.

De genio austéro, e destemido até á loucura, logo ao desembarcar em Inhambane de bordo do *Ambaca*, no logar do destino, se lançou a compartilhar das privações dos soldados da columna para os ensinar a soffrer e a serem pacientes, combatendo ao lado d'elles, quer na perseguição da fuga do inimigo, quer pondo-se na vanguarda do seu exercito, mixto de tropas brancas e de côr, ensinando-os a desbaratal-o e a secundar os esforços empregados pelos seus camaradas na victoria de Marracuene na madrugada de 2 de fevereiro, quando os negros os investiram.

E de facto os ensinou! De 6:000 vátuas audaciosos, porque elles julgam que depois de mortos resuscitam, ás ordens do Mahazul e Mamatibejana, 300 pagaram com a vida a ousadia de Magul ás portas de Chicomo no dia 14 d'agosto! De 10:000 guerreiros ás ordens de Maxamene e dos filhos do rei de Gaza, Gungunhana ou Mundagaz, — Godide, Inhamanja e seu tio, Queto, 102 cadáveres ficaram em Coolela n'uma area de 150 metros em volta do quadrado! E em Manjaze, o kraal do potentado, que armava 50:000 homens, que tinha por tributarios todos os povos comprehendidos entre a parte meridional de Lourenço Marques e o Transwaal até ao norte dos nossos dominios na Zambezia, e oeste dos Matabelles até léste do districto de Quelimane, Sofala e Inhambane, é destruido e incendiado!

— No fim de estrella tão afortunada lhe illuminar o exercicio, mais feliz que o dos francezes na visinha ilha de Madagascar, e bem mais que os italianos na Ethiopia, que o cobriu de gloria, tornando solidaria a sua biographia com a historia patria, regressou ao reino a 16 de dezembro. Embarcando no *Zaire* com os bravos de caçadores 3, deixou tudo preparado para o epilogo de Chaimite, de que em outro artigo já nos occupamos, e um outro homem tão venturoso como elle, que acabou por mostrar aos olhos dos estrangeiros, que os portuguezes seriam capazes de fazer cem vezes mais, se não fosse o clima tantas vezes traiçoeiro, que mais os matava que as azagaias ou balas inimigas.

— No dia 19 de janeiro de 1896, fez a sua entrada triumphal em Lisboa, tendo já sido aclamado em Cabo Verde, recebendo de tantas pessoas, quantos são os corações portuguezes, como prova dos seus esforços e da sua altruista dedicação, a palma de gloria composta de tantas folhas como de heroicos soldados comsigo colaboraram nas guerras da Africa Oriental.

Este benemerito da patria pertence ao Estado Maior da Arma em commissão no Ministerio da Marinha, desempenhando o logar de Governador de Macau, Ministro plenipotenciario do Rei de Portugal junto do imperador do Japão e de diplomata incumbido das relações entre as côrtes de Lisboa e Pekim. Pertence ao conselho de Sua Magestade e é ajudante de campo de El-Rei, grande official da Torre e Espada, cavalleiro de Aviz e de Christo, condecorado com as medalhas d'ouro de Valor Militar, de Serviços Assiduos no Ultramar, de D. Amelia das campanhas d' Africa e medalha de prata de Comportamento Exemplar.



## A TORRE E ESPADA



**E**STAVA linda e serena, muito serena, a tarde do dia 28 de abril do anno de 1863. O sol, que conservára sempre um maximo rutilo e suave ardencia, dando a tudo um aspecto loução, iniciava por fim o seu occaso, despenhando-se n'uma carreira vertiginosa por aquella ladeira abaixo, onde está uma alva casita. Encoberta pelas laranjeiras, mal scintillavam lugubrememente as suas vidraças. E a sineta da capella da aldeia de S. Miguel tangia dolentemente o dlin... dim... dão... que cá em baixo o sino da igreja matriz de Celorico de Basto, parecia arremedar.

Era o convite, que se fazia ás irmandades para se reunirem e d'ahi a pouco acompanharem ao cemiterio o corpo de Amelia—a filha da Morgadinha.

Camponios lá do sitio olhavam-me sinistramente; miravam-me o uniforme militar de cima a baixo como um mau agouro; e, reparavam-se como que alguma coisa de importancia mésta os tivesse accommettido. Dizia um d'elles:

— Por uma infeliz coincidência do destino fez hontem 25 primaveras, que nasceu o sargento Henrique. Filho d'uma remediada familia visinha, poderá ser educado n'um collegio do Porto. Fez alguns exames do lyceu, e, uma vez se viu com o curso de commercio, embarcou para a America do Sul no vapor transatlantico Assumpção, em 17 de fevereiro de 1872. Vae em 16 annos: justamente quando foi plantado aquelle souto verdejante, que ha tanto tempo dá castanhas!

E o homem encostando-se ao companheiro apontou o sitio com a mão direita: Vê? E' aquelle além...

Ha 16 annos e parece foi n'outro dia!

Depois d'algum tempo Henrique poude estabelecer-se de sociedade. Já tinha um predio regular quando recebeu um telegramma participando o fallecimento de seu pae, que era capitão de lanceiros ao tempo combatendo como um dragão na provincia d'Angola. Por essa occasião um testamento, que tinha feito em Braga, legava a seu unico filho uns vinte contos e a espada.

\*  
\*\*

Roberto, assim se chamava, fôra condecorado com a cruz d'Aviz e quasi todos os seus postos foram ganhos em campanha. Foi promovido a 1.º sargento, porque uma vez na Guiné, parecendo terem-se refugiado bastantes indigenas n'uma cubata e não ousando algum dos seus companheiros d'armas arremetter-se a procural-os para os bater, se offereceu ao commandante da expedição para forçar a defendida entrada de tal cubata.

Grande illusão, e para o joven official inferior grande dita, porque dentro não estava sequer um negro.

De 1.º sargento adquiriu o galão d'alferes, porque sendo gravemente ferido no lado esquerdo continuou na perseguição do inimigo.

De alferes foi em Moçambique despachado tenente por conseguir com uma pequena força de cypaes, fazer grande numero de mortos e prisioneiros.

\*  
\*\*

Mas a espada deixada a Henrique conjunctamente com o que representava a generosidade do companheiro de sua mãe, abalára por tal modo o cerebro supersticioso do gentil moço, que pouco depois passava a companhia e fazia os preparatorios precisos para sêr declarado cadête do Imperial Instituto Academico do Rio de Janeiro. Pensava comsigo:

Liquidado o assumpto e com a minha fortuna serei official de marinha, e, cingindo essa mesma espada, que elle empunhou pela sua gloria, vingarei a sua morte, a do meu camarada, porque o hei-de ser.

Declarado aspirante graduado foi tão pouco protegido da sorte, que seis mezes depois era condemnado a ser fuzilado com exautoração por incitar os companheiros á revolta contra a constituição politica. Evadiu-se a nado e a poder de dinheiro auxiliado por outros conspiradores.

Do que possuia, mal arranjou para o transporte, que o trouxe ao seu paiz.

Uma vez aqui no Minho, enamorou-se d'uma formosa menina de familia fidalga, franzina, de ros-

to em tudo anthitese do d'elle, de fartos cabellos louros e de olhos azues, e assentou praça como simples soldado de infantaria sem outros documentos da sua educação militar, mais que a carta de identidade passada pelo consulado geral portuguez do Brazil.

N'aquella apparencia em traços pretos a narrativa de como se lhe escureceu o futuro. Todavia isso, a desfazer-se, algumas habilitações provava. Ahi liam-se os premios e louvores, que houve pelos seus estudos e serviços. Para ser official e casar com ella, era forçoso não ser sob a bandeira azul e branca, como foi debaixo da amarella e verde. Por não lhe ser permittido, attenta a sua idade, seguir o curso theorico, tinha de passar por todas as patentes.

Nem a sua coragem, nem Amelia baquearam perante tamanho esforço.

Seja-se soldado—disse elle—soldado raso.

Sucedeu, porém, que n'esse mesmo anno envolvido traiçoeiramente na conspiração dos marechaes, foi sentenciado a degredo perpetuo para a Africa.

Via-se cada vez mais desprotegido da sorte, mas Amelia ainda não desesperou da má noticia. Raios d'intelligencia illuminavam-lhe o horisonte do porvir e sangue forte abrigava-se debaixo da farda. Ao menos lembrava-se, que pelo accaso de ter occasião de vingar seu pae, lhe seria commutada a pena e viria a desposal-a.

Mezes após de desembarcar, para não degenerar do seu genio, e, arrojado d'esta maneira ao destino, deu um passo em frente quando, em seguida a uma allocução feita pelo venerando major Antonino, ás suas tropas, perguntou pelo cabo d'esquadra, que queria ser o chefe da temeraria avançada da columna, que ia romper as hostilidades contra os caçadores rebeldes que estavam entrincheirados e bem municados n'um desfiladeiro, que parecia inexpugnavel ao lado d'aquelles nativos, que tempo antes tinham massacrado seu pobre pae, sendo a causa dos seus tormentos e infortunios. Portou se com tal dedicação e ardo, que foi nomeado furriel e galardoado com o grau de cavalleiro da Torre e Espada, que lhe concedia honras d'official, bravura esta, que se apressou a communicar á sua namorada, fraca e abatida desde a sua ausencia.

Ao entregarem lhe as insignias d'aquella nobre ordem disse friamente: De que me livra darem-me a Torre e Espada se para galardão basta a consciencia dizer-me que vinguei o capitão? Permittam-me, que a recuse. Se é espirito do governo recompenhar-me por alguma coisa, mais verdadeira recompensa me daria, levantando-me a deportação, que pago innocentemente em consequencia só da fama do meu passado.

Fez o curso de 2.º sargento com distincção e foi promovido a official inferior.

Depois, como se não podêsse duvidar da justiça que lh'assistia, o governador d'Angola teve por



#### INFANTE D. AFFONSO

A nossa estampa representa a cavallaria expedicionaria ao Estado da India, a que se refere um artigo com a epigraphe supra, artigo este que, pela falta d'um retrato de Sua Alteza que se prestasse á photogravura, só irá no numero immediato. Com esta iniciamos a serie de photogravuras da expedição de 1895.

A REDACÇÃO.

bem recommendal-o para a metropole e no Boletim Official de 21 de outubro de 1887 era-lhe publicada a amnistia.

Embarcou para a Europa em 20 de março de 1888 no Angediva.

\*  
\* \*

A recepção da derradeira missiva de Henrique mais veio pôr em chéque a vida da filha da Morgadinha e tanto alegrias, como desaires, agravavam sempre o seu soffrimento moral. Elle não lhe escrevera a respeito da sua volta á patria, mas a nova do naufragio d'um vapor da carreira nacional, lida n'um jornal, trouxe-lhe um tam mau presentimento, que a matou.

\*  
\* \*

E a sineta da capella da aldeia de S. Miguel tangia dolentemente o din... din... dão... que cá em baixo o sino da igreja matriz de Celorico de Basto parecia arremedar.

D'ahi a pouco ao toque das Ave-Marias viam-se desfilarem todos os de lá do sitio envergando opas roxas e empunhando tochas.

Para elles findara a filha da Morgadinha e o sargento que recusou a Torre e Espada.

Effectivamente este tinha naufragado.



## A BALLISTICA

Omne tulit punctum qui mis-cuit utile dulci

Horacio—*Arte poetica*, v. 343.

A perfeição consiste em reunir o util ao agradável

**A**s sociedades antigas corrompidas pela devassidão e abaladas pelas irrupções barbaras haviam baqueado acarretando na sua queda todos os trabalhos dos genios que illustraram a antiguidade. A' luz brilhante, intensa, que irradiando da Grecia illuminára o mundo succederam-se as trevas, a ignorancia e o cahos.

A's maravilhas das artes, a esses productos de um genio surprehendente e sem rival aguardou-os o camartello demolidor e o incendio. A Europa

transformou-se em terreno sáfaro, varrido pelas lufadas das invasões e regado com o sangue innocente dos que imaginavam ter força para deter as hordas barbaras. Todas as dedicações, todos os actos de civismo e todas as tentativas bem fundadas, tudo é submergido, tudo é aniquilado. Nos dez seculos de trevas a que se chamou Edade mediéva, conservou-se esmagada, opprimida, a razão humana pelo auctoritarismo tradicional. Era necessario despedaçar as algemas, obter a sua emancipação intellectual. Com o XVI seculo surgiu a renascença a grande epocha da emancipação da razão humana, epocha tão brilhantemente preparada pela invenção da imprensa e pelos descobrimentos marítimos. Até então a historia só nos aponta duas maneiras pelas quaes a civilisação se alastrava: pelas revoluções religiosas ou politicas e pela guerra, e comquanto essas fórmas não sejam destruidas, a par d'esses antigos processos de civilisação um outro surge mais amplo e mais effizaz sem duvida: é a sciencia applicada á industria. Profundas e radicaes foram as modificações que experimentaram as sociedades ao alvorecer do seculo XVI: grande e fertil em resultados fôra a epocha da renascença, epocha que separa, como marco milliarario a luz das trevas, o erro da verdade. Na vastissima scena da historia a renascença inaugura uma epocha fecunda em revoluções, mas fecunda egualmente em descobertas de toda a especie.

A polvora e a imprensa são incontestavelmente os principaes agentes da remodelação completa das sociedades nos seus *modus-vivendi*. Incontestavel é, sem duvida, que o emprego da polvora foi tão favoravel á correcção dos costumes, como ao progresso da politica.

As luctas corpo a corpo tornaram-se mais raras, desde então, e tenderam a desaparecer como espectaculos sanguinolentos que além de empedernirem a natureza humana, haviam sido a causa primordial da corrupção da antiguidade. As batalhas serão menos duradouras, mais decisivas e deixarão de apresentar o aspecto das luctas fraticidas da antiguidade.

A imprensa foi uma das mais brilhantes creações da renascença; foi, como diz um auctor contemporaneo, *a criação de uma especie de consciencia universal impulsionada ao mesmo tempo pelas mesmas ideias e docil aos mesmos impulsos*.

Os beneficios que as sociedades colheram da imprensa foram immediatos e a brilhante descoberta de Guttemberg salvou os restos da antiguidade, seguiu essa preciosissima herança depauperada pelo tempo e pelos barbaros, conservada em parte nos conventos e em parte em Constantinopla. E' no principio do seculo XVI que as obras dos auctores antigos são publicadas e vendidas em grande numero, e a dffusão d'essas obras suscitou o movimento da renascença, movimento que alimentou a nova industria. E emquanto a civilisação europeia se achava armada com estes novos meios de progresso e

de conquista, enquanto este movimento se transmittia e se aperfeiçoava, Portugal lança as suas vistas para o Oceano e inicia as descobertas maritimas. O commercio do Mediterraneo e do Oriente haviam enriquecido Veneza, Alexandria e Constantinopla; no Oriente pensavam os navegadores portuguezes. O Atlantico, que banhava as costas de Portugal, devia chegar até ao mar Vermelho e até á India, torneando a Africa. Foi pois para o Oriente que se dirigiram os ousados descõbridores.

Mas, um dos traços característicos da renascença, foi o grande movimento intellectual que precedeu e acompanhou a Reforma. A procura ávida dos manuscriptos e das memoraveis traducções a que na Italia se entregaram todos os espiritos mais cultos, mais distinctos do seculo originou a fundação de bibliothecas sendo a primeira a fundar-se a do Vaticano, devido aos esforços do papa Nicolau V.

Principiou-se a restauração dos textos e na Italia, na França, na Allemanha e na Inglaterra trabalhou-se com a maior dedicação.

E' então que se estudam e imitam esses preciosos monumentos antigos para d'essa imitação surgirem os originaes. Aparecem, em todo o seu esplendor, os sabios da antiga Grecia interpretados e admirados por escriptores de primeira ordem.

\* \* \*

Durante a edade medieval as obras mathematicas dos antigos sabios da Grecia haviam sido bastante deturpadas pelas traducções do latim barbaro, vertidas já do arabe. As doutrinas sustentadas por esses sabios e os principios que elles haviam estabelecido achavam-se viciados, e nenhum credito podiam merecer as suas traducções áquelles que desejavam proseguir no caminhar encetado por esses grandes luminares da antiguidade classica, cujo brilho tem atravessado os seculos sem perder a sua intensidade, cujas verdades são ainda hoje, como então, acceites, cujas doutrinas são presentemente acatadas e respeitadas.

A analyse applicada á Geometria, e a descoberta das secções conicas haviam sido o fructo das applicações do divino Platão, e que os seus discipulos haviam continuado. Diophante inventára a algebra, Papius tornára-se precioso pela sua *collecção mathematica*, Théon, pelos seus *commentarios acerca d'Euclides*, e Eudocio pelos seus *commentarios acerca d'Archimedes*; mas as obras d'estes e de muitos outros corriam em traducções profundamente alteradas.

A sciencia mathematica, é certo não ter tido a Grecia por berço; mas fôra alli que ella adquiriu a sua fórma scientifica, fôra alli que muitos ramos d'essa sciencia receberam grandes aperfeiçoamentos devidos: a geometria aos academicos, a arithmetica aos pythagoricos e a astronomia á escola Jonia.

A interrupção dos estudos mathematicos, espe-

cialmente no VIII seculo deve ser considerada como o periodo da mais profunda obscuridade, que reinou no Occidente.

E' certo que os arabes cultivaram todas as sciencias; porém, é igualmente certo que elles foram para os christãos o que haviam sido os egypcios para os gregos ávidos de saber. Alguns homens, dotados de grande amor pela sciencia, emprehenderam viagens para se instruirem, e no numero d'estes verdadeiros apóstolos não devemos esquecer, como sendo um dos mais notaveis, o grande Gerberto, que de simples frade foi, pelo seu saber, elevado ao solio pontificio sob o nome de Silvestre II.

Em fins já do XV seculo havia-se reconhecido que o primeiro passo a dar para o progresso das sciencias era procurar conhecer a fundo os trabalhos dos antigos. Para isso tornava-se indispensavel lêr os originaes dos grandes mathematicos, mas pouco ou nada se sabia da lingua grega. Era necessario estudar nos originaes Euclides e Archimedes, Plotomeu e Apollonio, Thales e Pythagoras, Platão e Diophante e muitos outros, e então homens dedicados á sciencia como Xilander, João Werner, Camerario e outros iniciaram o estudo da lingua grega, auxiliados pela imprensa, a grande transmissora do pensamento. Ainda no ultimo quartel do XV seculo alguns geometras haviam tentado estabelecer as formulas da *theoria mathematica do movimento dos projecteis*. As suas tentativas, porém, baquearam perante as innumeradas difficuldades que surgiram a cada momento, e sendo conduzidos a conclusões erradas, essas tentativas tiveram como epilogo julgar-se o problema insolúvel. Ao alvorecer do XVI seculo a algebra havia tido na Italia, um grande desenvolvimento devido dos trabalhos de Scipion Ferreo, Cardan, Fiori e sobre tudo Tartaglia. E' este ultimo o inventor da ballista, sciencia que mais tarde teve grande desenvolvimento devido aos trabalhos de Blondel, Belidor, Newton, e no seculo actual devido aos estudos de Piober, Didon, Sparre, auctor da theoria classica da derivação, e ao official italiano Sacchi.

Tartaglia nascera n'uma epocha em que mais accêsa andava a lucta entre italianos e francezes. Gravemente ferido em Brescia, aos doze annos d'edade, quando as tropas francezas commañdadas por Foix massacraram os pobres habitantes que haviam julgado ser a cathedral seguro azylo contra a selvageria do vencedor, Tartaglia esteve muito tempo á morte, havendo ficado gago bastante tempo, facto do qual fazem derivar a razão do seu appellido.

A sua carreira de mathematico fôra inaugurada brilhantemente. Scipion Ferreo, havia descoberto um caso particular das equações cubicas,  $-x^3 + px = q$ , —e havia feito depositario da sua descoberta somente a Fiori, seu discipulo. Este, enfatuado pela posse do segredo, pretendeu humilhar Tartaglia apresentando-lhe problemas que elle não sabia resolver porque tinham por base a resolução das equações cubicas de Ferreo, e Tartaglia ignorava o

processo. Dedicou-se por isso com toda a attenção ao estudo das questões que Fiori lhe apresentava e conseguiu não só resolver o caso que constituia o segredo de Fiori, mas achou mais dois casos além d'esse.

Para celebrar a sua descoberta Tartaglia expô-la em versos italianos, tres estrophes de nove versos, sendo a primeira destinada a dar solução do caso  $x^3 + p x = q$  (1).

Por sua vez, Tartaglia pretendeu guardar segredo da sua descoberta e apenas a communicou a Cardan sob o juramento de a não transmittir a pessoa alguma.

Infelizmente Cardan divulgou esse segredo publicando na sua *Arte Magna* (2) a descoberta de Tartaglia. A polemica que se travou por esse facto, entre Cardan e Tartaglia foi tão vergonhosa que Pedro Nunes disse que Tartaglia havia perdido o siso. Seguindo as pisadas de Regiomontanus (3) que no meado do XV seculo havia applicado a algebra na resolução de alguns problemas sobre triangulos, Tartaglia tambem resolveu varios problemas de geometria applicando a algebra, pertencendo a Viète a gloria de desenvolver esse methodo.

Mas a obra de Tartaglia talvez mais importante, é a *Sientia Nova*, obra que se publicou em Veneza em 1550 e na qual elle apresentou resolvidos os primeiros problemas de ballistica, problemas que como já dissemos haviam sido considerados insolúveis. Destruindo as ideias erroneas que os antigos possuíam acerca da curva descripta pelos projecteis lançados pelas boccas de fogo (4), Tartaglia demonstrou que a trajectoria é em todos os casos uma curva contínua; demonstrou igualmente que o alcance maximo se obtinha empregando a inclinação de 45°, raciocinando do mesmo modo que Cardan havia feito para o plano inclinado.

A applicação da *analyse mixta* devida a Descartes foi uma das grandes descobertas do XVII seculo.

A applicação da algebra á geometria das curvas,—por quanto a applicação da algebra aos problemas ordinarios de geometria é mais antigo,—marca a epocha da revolução que tão rapidamente levou a geometria ao grande desenvolvimento em que hoje está.

Gallileu demonstrou que a gravidade actuava sobre o projectil durante todo o seu percurso, do mesmo modo que actuava sobre elle quando estava em repouso. Apenas havia considerado insensível a resistencia do ar.

Reconheceu-se todavia que era necessario estudar a questão sob um novo ponto de vista,—resis-

tencia do meio no qual o projectil se movia,—problema que era considerado um dos mais difficeis da mechanica e da analyse ao mesmo tempo que era o mais util.

(Continua).

J. CORREIA EOS SANTOS.

Capitão d'infanteria.

## Milicia Portugueza (\*)

### § 1.º



TAM necessaria a conservação das cousas, que igualmente as produziu a natureza com os meios convenientes para sua defensão. Isto vemos não só na contrariedade com que os elementos repugnam uns aos outros para se conservarem; e nas plantas, muitas das quaes a natureza defendeu, armando-as de espinhos nos troncos, nos ramos, nas folhas e nos pomos, mas mais manifestamente nos animaes, aos quaes não só a natureza deu armas, com que se defendessem, mas ainda lhe communicou conhecimento para se unirem os de cada especie, e particulares astucias, com que se defendessem melhor de seus inimigos. D'esta militar industria, com que a mesma natureza creou brutos animaes, se vê claro, quão necessarios são os soldados na Republica, pois sem a força da Milicia não podem permanecer as leis, nem professar-se as sciencias, ou exercitarem-se as artes, nem finalmente conservar-se a paz e a liberdade. Portanto, um dos maiores castigos, com que Deus ameaçava antigamente seu povo, era dizendo-lhe, que deixaria aquella Republica sem capitães e soldados.

Inclue em si o exercicio das armas—trez maravilhosas virtudes que são Caridade, Fortaleza e Prudencia. Com a Caridade offerecem os particulares a vida propria pelo bem commum de todos, que é o maior acto d'esta virtude, como rectificou Nosso Senhor no Evangelho, dizendo: *Maiorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*. E assim até os gentios

(\*) Devido á amabilidade do nosso Ex.º amigo Sr. Dr. Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz, podemos dar á luz alguns artigos do livro—«Noticias de Portugal—por Manoel Severino de Faria.

Para não subtrahirmos aos nossos leitores o apreço que podem tirar d'elles, porisso que são transcriptos do valioso e mais antigo documento das nossas forças militares, começamos hoje a sua publicação com o estylo do tempo (1655).

(1) *Montucla*.—Historie des Mathematiques. Tomo 1.º, pag. 592. *Ferdinand Hofer*—Histoire des Mathematiques. Pag. 342.

(2) *Artis Magnae seu de regulis algeb.*

(3) *Jesum Muller Regiomontanus* Tractatus de doctrina triangularum.

(4) *Daniel Santbecho*.—Problemas astronomicos.

tiveram o morrer pela patria, e defensão d'ella pela mais gloriosa acção da vida, d'onde pelas leis de Licurgo se mandava que em nenhum sepulchro se pozesse epitaphio ou nome, senão d'aquelles que morressem pela patria, com a Fortaleza se desprezavam os perigos e se vencem ás injurias do tempo, as incommodidades dos alojamentos, as fomes, as sêdes e finalmente as forças e armas dos contrarios com a Prudencia que se usa d'estas virtudes a seu tempo, aproveitando-se das occasiões e escolhendo sitios avantajados e providos para alojar e combater, ou fortificando-os para se defender. Por esta e outras razões, tendo todos os homens um só principio, aquelles em que estas virtudes mais resplandecerão, ficarão superiores aos outros: e o mesmo era antigamente ser Rei que defensor da Republica, o que ainda hoje significa o sceptro, que os Reis trazem; o qual teve seu principio da lança a que chamavam Hastapura. É em Hespanha, conforme eram as armas, com que os soldados se serviam, se lhes dava o grau de nobreza. D'aqui nasceram os titulos dos Escudeiros, de Cavalleiros, de Fidalgos, de Ricos Homens, Condes, Marquezes, Duques; e vieram a ser os mais nobres cargos da Republica aquelles que pertenciam á Milicia, principalmente n'este Reino. Porque como os nossos Reis alcançaram pelas armas o Senhorio d'elle, libertando quasi toda a Provincia das mãos dos mouros, que assenhoreavam, e defendiam das mãos dos Reis visinhos para confirmarem mais seu Estado, pozêram toda a honra, na gloria Militar, dando nova nobreza aos do Povo, que faziam feitos assignalados n'ella, e os nobres accrescentando-os a maiores Estados, de maneira que raros são os Senhores Vassallos que hoje ha em Portugal que não tivéssem este heroico principio. E para sahirem insignes nas armas criavam todos seus filhos com grande parcimonia nos vestidos e manjares; dando os mesmos Reis aos outros exemplo n'esta materia.

De modo que na virtude da Temperança se poderá comparar esta nossa Republica até ao tempo de nossos avós, com a tão celebrada dos Lacedemonios.

Por esta causa usavam ainda na paz dos exercicios militares, posto que fingidos; para que quando lhes fossem necessarios se não achassem bisonhos, mas déstros n'ellas. Sendo os jogos e passatemplos tirar o tabulado, ou bardear, justas, torneios, touros de cavallo, montarias, exercicios todos, em que se mostra tanto esforço e galhardia, como nas verdadeiras batalhas, e recontros de guerra.

A Milicia que nossos Reis antigos procuravam ter prestes para defeza e segurança do damno, podiam receber dos outros Principes confinantes, eram exercito com todos os Capitães, Officiaes e Soldados necessarios, com que

podessem acudir in continenti a todas as occasiões que se offerecessem, onde fosse necessario. E porque o fundamento da guerra são as forças dos naturaes da Provincia, assim da gente de pé, como de cavallo; e a ordem com a que a Milicia se exercita, me pareceu conveniente apontar o modo, que os nossos Reis tiveram, assim na defensão dos logares, como nos exercitos em que andaram em campanha, e o numero de gente de que n'elles usavam.

Porque ainda que se mudou o estylo da Milicia com as novas armas e instrumentos de polvora, comtudo, as forças e a ordem, e meios para alcançal-as, sempre são os mesmos: e por estes principios se ha de dispôr o que na nova Milicia se ha de ordenar. Nem se me pode estranhar este argumento por alheio da profissão ecclesiastica, porquanto a Milicia é parte da Politica; e como tal trata d'ella Santo Thomaz em muitos logares de suas obras; por onde a rhetorica é commum a todos; e assim a estão lendo muitos religiosos nas escolas publicas, não só fóra d'este Reino, mas ainda n'elle. Quanto mais, estando as forças de Portugal na occasião presente todas occupadas n'este exercicio, obrigação nos fica tambem a todos de trabalhar n'esta materia, cada um no que lhe toca no bem publico. Mas porque a guerra se divide em terrestre e maritima, fallaremos primeiro da de terra, como mais principal, discorrendo pelos maiores officios do exercito, dando particular noticia de cada um; comtudo o que pertence á Milicia antiga, até ao presente, seguindo n'esta materia dos nossos historiadores, e particularmente o Regimento da guerra, que fez El-Rei D. Affonso V, conformando-se com os estylos antigos d'este Reino.

#### **Do officio que fazia El-Rei no Exercito, e dos ministros que serviam a pessoa Real na guerra, e da dignidade de Condestavel**

##### § 2.º

Os exercitos d'este Reino foram sempre governados pelos Reis d'elle. Porque, como os mesmos Principes faziam profissão de guerreiros, não queriam dar a outrem esta honra. E assim houve poucos Reis, que não se achassem por suas pessoas nas emprezas mais importantes, que em seu tempo se fizeram, como lemos do primeiro Rei Dom Affonso Henriques, e de seu filho Dom Sancho, D. Affonso III, Dom Diniz, Dom Affonso IV, Dom João I, Dom Affonso V, Dom João II e Dom Sebastião. O officio que no exercito faziam era o supremo; e d'elles recebiam as ordens os Condestaveis. Para serviço e guarda da sua pessoa tinha El-Rei um Guarda-Mór, que era dos Fidalgos principaes do Reino o qual trazia comsigo vinte cavalleiros nobres

para guarda da pessoa d'El-Rei. Estes na guerra o acompanhavam em toda a parte, e na paz assistiam no Paço e dormiam junto á Camara Real. Porem, depois usaram os Reis nossos Senhores, de Fidalgos, em lugar d'estes Cavalleiros, e tinham as entradas livres, como os Gentis-Homens da Camara na casa de Borgonha. Não havia d'elles numero certo, mas em tempo de El-Rei Dom Sebastião o foram somente doze. Estes cavalleiros da Guarda, no tempo da guerra andavam no exercito com o seu Guarda-Mór armados e a cavallo, seguindo a pessoa d'El-Rei e segurando-o; alem do qual teve tambem o Capitão dos Ginêtes parte d'este cuidado, como adiante veremos. Tinham os Reis um Armador-Mór, cujo principal cargo era guardar as Armas da pessoa Real: tambem alguns moços-fidalgos serviam de Pagens da lança.

A maior dignidade do Exercito depois da pessoa Real, era o Condestavel, cuja origem, por ser pouco conhecida tocaremos brevemente. Os Imperadores Romanos, e á sua imitação os antigos Reis da Hespanha e da França, tiveram sempre o titulo de Condestaveis, ou Infantes os principaes Senhores do Reino. E' o Condestavel em Portugal o General da Milicia, seu lugar no exercito é o da vanguarda; e conforme ao seu titulo que está no Regimento de guerra; a elle dá El-Rei as ordens do que deve fazer no exercito e elle as commette ao Marechal para que as execute, e a elle pertence fazer os Coudeis dos Besteiros e dos Homens de Pé cada um com trinta soldados. Assignam os Quadrilheiros, que hão de repartir os despojos das batalhas, e saques dos logares. Antes de partir o exercito, manda os descobridores do campo e Almocadães a segurar os caminhos, e dá as guias para a vanguarda, e Capitães para cavalgadas, aposentador para alojar o campo, e guardas e rondas e escutas para de noute, e lhe dá o nome.

Por sua ordem se reconhecem os logares que se hão de cercar.

Em todos os casos que succedem no exercito, assim civis, como crimes, é suprema justiça, para o que nomeia Ouvidor, e Meirinho; e a elle vem por appellação os feitos do marechal: em os civis não ha do Condestavel appellação. Estas e outras coisas dispõem os Regimento antigo, e lhe concede gajes no exercito de cada mercador,

ou resgatam doze reaes brancos cada semana e dos que servirem a estes trez reas: e todas as penas de Direito ou Condemnações, que se no exercito fizessem eram para elle e a carceragem dos que fossem prezos na prisão do seu Ouvidor, das prezas, das cavalgadas eram todas as cavalgadas que não andassem em bandos.

Este officio do Condestavel exercitaram com estas leis e costumes o Conde de Arraiolos Dom Alvaro Pires de Castro, servindo El-Rei Dom Fernando, e depois a El-Rei Dom João I, sendo ainda Defensor do Reino; o qual por morte de Dom Alvaro Pires deu este cargo ao Grande Dom Nun'Alvares Pereira que o serviu com grande valor e boa fortuna. E quando El-Rei passou a Castella em ajuda do Duque de Lencastre, nunca o Condestavel quiz dar a vanguarda ao Duque: mas sempre usou da sua proeminencia. Succedeu-lhe no officio o Infante Dom João e por sua morte o Senhor Dom Pedro Mestre de Aviz, Filho do Infante Dom Pedro; depois o Infante Dom Fernando, filho de El-Rei Dom Duarte, Dom João Marques de Montemór, filho do Duque Dom Fernando de Bragança o primeiro, o qual exercitou o officio, acompanhando El-Rei Dom Affonso V nas guerras de Castella; no que tocava ás velas, e causas judiciaes que nas mais proeminencias do cargo corriam com o Duque por Guimarães, seu Irmão.

Por morte do Marquez foi o Condestavel El-Rei Dom Manuel, sendo ainda Duque de Beja; e depois que entrou na successão do reino, deu este officio a Dom Affonso, filho natural do Duque de Vizeu seu Irmão. Succedeu-lhe o Infante Dom Luiz, depois o snr. Dom Duarte, e por sua morte os Duques, D. João e o Serenissimo Dom Theodosio H. seu filho. E' agora esta dignidade mais exercida com o titulo honorario que com Exercício. Porque desde o tempo de El-Rei Dom João II para cá se foi mudando a ordem da milicia, de maneira que tirando as proeminencias das Cortes, em que levantamentos dos Reis, ou juramentos dos Principes; nos quaes os Condestaveis teem o ésto que diante dos Reis, e em outras prerogativas semelhantes de honra não se deu caso em que exercitassem a jurisdição dos exercitos.

(Continua)





---

# EXPEDIENTE

---

## Assignaturas

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Peninsula Iberica e Ilhas Adjacentes, trimestre . . . . .	390 reis
Africa e Europa, semestre . . . . .	820 »
Asia, America e Oceania, semestre . . . . .	1:020 »

---

A nossa revista publicar-se-ha nos dias 10 e 25 de cada mez.

A todas as pessoas a quem enviamos o 1.º numero, rogamos se dignem devovel-o, caso o não desejem assignar.

A devolução deverá ser feita até 4 dias depois da sua recepção nos domicilios, findos os quaes serão considerados nossos assignantes.

Prevenimos os nossos assignantes, para que, sempre que mudem de domicilio ou aquelles para quem o domicilio indicado na cinta não é já esse, se dignem indicar a nova direcção, fazendo-a acompanhar do numero da cinta da nossa revista, a fim de não haver interrupção ou irregularidade na sua recepção.

Avisamos os nossos estimaveis assignantes e collaboradores, que toda a correspondencia deve ser dirigida para Barcellos.

A redacção agradece e publica toda a collaboração e photographias que nos sejam enviadas e que estejam em harmonia com o nosso programma, bem como recebe annuncios por preço convencional.

Os originaes publicados ou não publicados, não são devolvidos. As photographias publicadas ou não, devolver-se-hão; salvo quando offerecidas á redacção.

Em secção especial, publicaremos qualquer problema militar que nos enviem, sendo a sua solução, que o acompanhará, publicada no numero immediato.

EDITOR

D. José Maria Mocêgo

---



TYP. MINERVA

VILLA NOVA DE FAMALICÃO